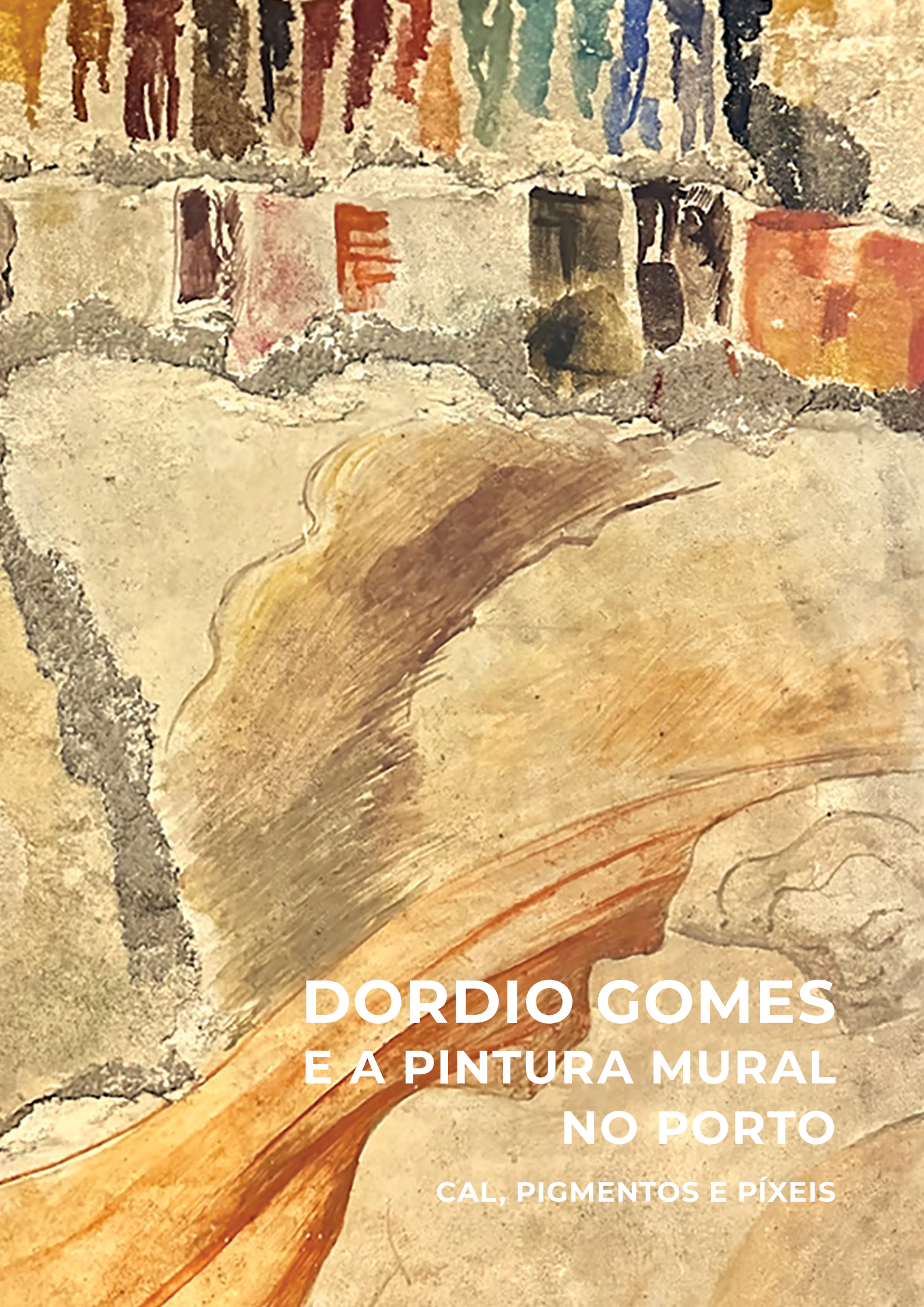


The background of the entire page is an abstract mural painting. It features a complex layering of colors and textures. At the top, there are vertical stripes of various colors including red, brown, green, blue, and black. Below these, there are horizontal bands of color, some of which are more saturated than others. The overall effect is one of depth and historical layering, with some areas appearing more like aged stone or plaster than others.

DORDIO GOMES E A PINTURA MURAL NO PORTO

CAL, PIGMENTOS E PÍXEIS

(EDITORAS)

BEGOÑA FARRÉ TORRAS

LETICIA CRESPILO MARÍ

MARTA SOARES

DORDIO GOMES E A PINTURA MURAL NO PORTO

CAL, PIGMENTOS E PÍXEIS

EXPOSIÇÃO

CURADORIA CIENTÍFICA

Begoña Farré Torras
Leticia Crespillo Marí

CURADORIA DE ANIMAÇÃO

Marta Soares

EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO MURAL IN MOTION

Begoña Farré Torras (IHA – NOVA FCSH / IN2PAST)
Josep Minguell Cardenyes (RACBA)
Leticia Crespillo Marí (Universidad de Málaga)
Liam Noah Jefferies (Leeds Arts University)
Luís Pinto Nunes (i2ADS – FBAUP)
Mariana Escoval dos Santos (IHA – NOVA FCSH / IN2PAST)
Marta Soares (IHA – NOVA FCSH / IN2PAST)
Paula Ribeiro Lobo (IHA – NOVA FCSH / IN2PAST)
Paulo Diogo Simão (Universidade Lusófona)
Patrícia Tonel Monteiro (UCP – CITAR)
Sónia Moura (IHA – NOVA FCSH / IN2PAST)

CONSULTORAS MURAL IN MOTION

Joana Cunha Leal
Laura Castro
Lúcia Almeida Matos
Nuria Rodríguez Ortega

EQUIPA DE PRODUÇÃO DA EXPOSIÇÃO

Faculdade Belas Artes Universidade Porto

COORDENAÇÃO

Andreia Magalhães

APOIO À PRODUÇÃO

Isabel Gonçalves
Samuel Menezes

AUDIOVISUAL

Patrícia Almeida

APOIO TÉCNICO/ MONTAGEM

Carlos Carvalho
João Azevedo
Jorge Garcês

DESIGN GRÁFICO

Ana Leite

COMUNICAÇÃO

Carla Sousa

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Jorge Morais

CATÁLOGO

EDIÇÃO

Begoña Farré Torras
Leticia Crespillo Marí
Marta Soares

TEXTOS

Begoña Farré Torras (IHA – NOVA FCSH / IN2PAST)
Josep Minguell Cardenyes (RACBA)
Laura Castro (UCP – CITAR)
Leticia Crespillo Marí (Universidad de Málaga)
Lúcia Almeida Matos (i2ADS – FBAUP)
Mariana Escoval dos Santos (IHA – NOVA FCSH / IN2PAST)
Paula Ribeiro Lobo (IHA – NOVA FCSH / IN2PAST)
Patrícia Tonel Monteiro (UCP – CITAR)
Sónia Moura (IHA – NOVA FCSH / IN2PAST)

DESIGN GRÁFICO

Rita Lynce

DOI <https://doi.org/10.34619/9bly-htku>

ISBN 978-989-9300-04-0

Textos redigidos ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1990 por decisão editorial.

ABREVIATURAS

EBAL – Escola de Belas Artes de Lisboa
ESBAL – Escola Superior de Belas Artes de Lisboa
EBAP – Escola de Belas Artes do Porto
ESBAP – Escola Superior de Belas Artes do Porto

DIREITOS AUTORAIS

O nosso agradecimento à família Dordio Gomes, detentora dos direitos de propriedade intelectual sobre a obra do artista.
© Todos os direitos reservados.
Para mais informações, contactar:
muralinmotion@fcsch.unl.pt

AGRADECIMENTOS

José Luís Dordio Gomes
Paulo, Luís e Cristina Dordio Gomes
Alexandra Cerveira Lima
Carlos Malheiro
Cristina Fernandes
Funcionários do Arquivo Histórico e Arquivo Geral da CMP
Gilda Príncipe
José Igreja Matos
Laura Rodrigues
Madalena Peixoto Fernandes
Manuel Rodrigues
Maria Augusta Marques Martins
Pe. Rubens Marques
Pe. Rui Santiago
Vera Medeiros

Exposição produzida no âmbito do projeto exploratório *MURAL IN MOTION*
Cal, Pigmentos e Píxeis — Para a Reintegração do Património Mural Moderno na Vida Pública:
uma Abordagem Crítica à Curadoria Digital para a História da Arte
financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.,
no âmbito do projeto 2023.11110.PEX, DOI <https://doi.org/10.54499/2023.11110.PEX>
Website: <https://muralinmotion.fcsch.unl.pt>



UMA EDIÇÃO



EM COLABORAÇÃO COM



Índice

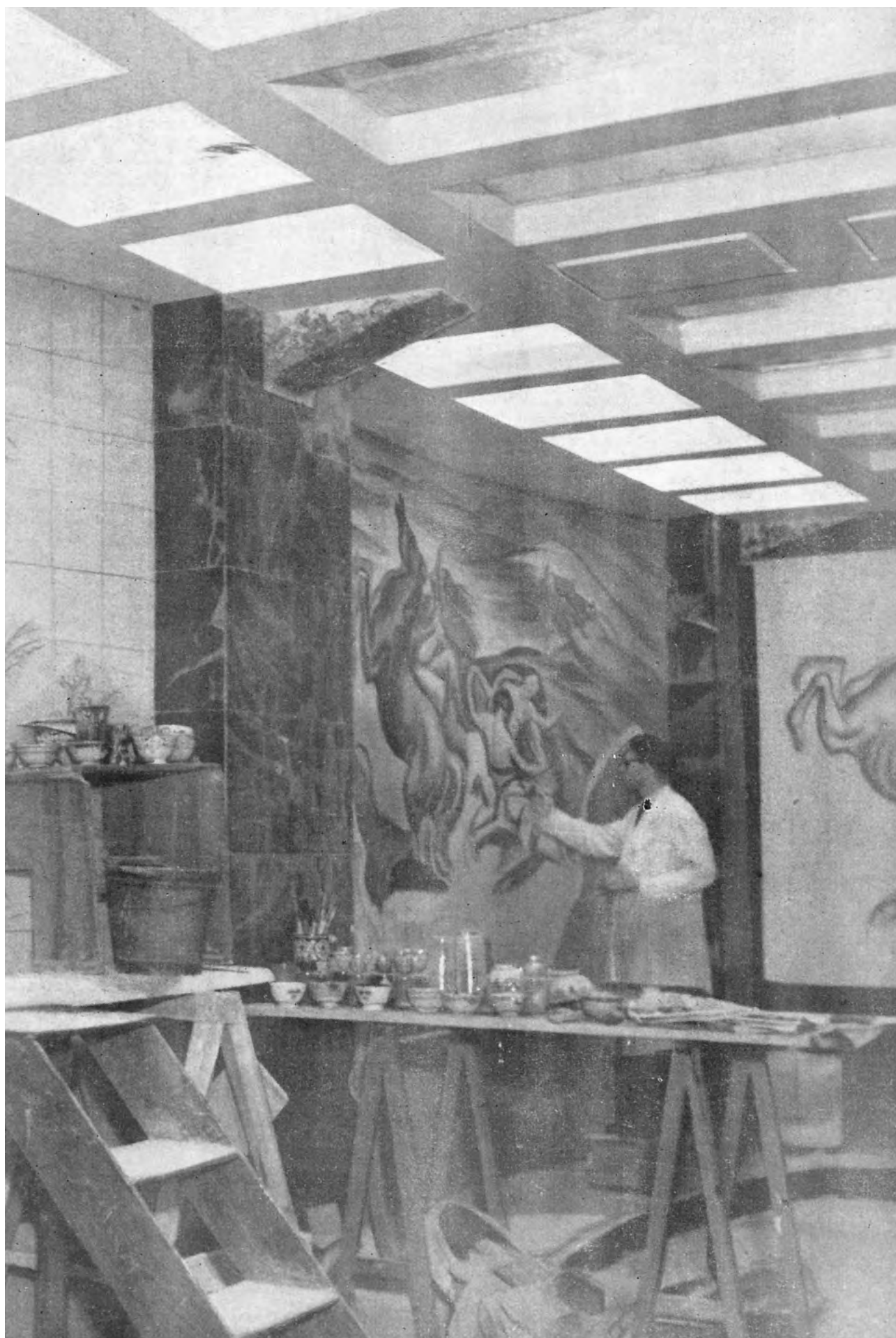
- 7 **Prefácio**
Lúcia Almeida Matos
- 9 **Apresentação**
Ou como se expõe um mural virtual?
Begoña Farré Torras
Leticia Crespillo Marí

ENSAIOS

- 19 **O ensino da pintura a fresco**
O Curso Livre de Pintura a Fresco da ESBAP:
a Escola na construção da cidade moderna
Sónia Moura
- 39 **Pensamento mural**
Dordio Gomes e o sistema da pintura a fresco
Josep Minguell Cardenyas
- 51 **Arte oficial e ditadura**
As artes, a valorização do Porto e as obras públicas
do Estado Novo
Paula Ribeiro Lobo
- 65 **Considerações patrimoniais**
Pintura mural e memória: valor societal e preservação
em debate
Patrícia Tonel Monteiro e Laura Castro
- 85 **O quê é a fotogrametria?**
Onde o mural sonha: a fotogrametria como ato de memória
Leticia Crespillo Marí

MURAI DE DORDIO GOMES NO PORTO

- 95 **Café Rialto (s.d.–1944)**
A decoração de um café moderno: divertimento,
prazer, e uma nota de reflexão
Begoña Farré Torras
- 103 **Igreja Paroquial Senhora da Conceição (s.d.–1947)**
O batismo de Cristo e a evangelização do mundo,
em contexto colonial
Begoña Farré Torras
- 113 **Santuário de N.ª Senhora do Perpétuo Socorro (1952–1953)**
Uma *Assunção* para os Redentoristas: dogma papal
e um desafio pictórico
Patrícia Tonel Monteiro e Begoña Farré Torras
- 119 **Escola Superior de Belas Artes do Porto (s.d.–1954)**
O Mito de Prometeu: um símbolo da Síntese das Artes
em homenagem à ESBAP
Sónia Moura
- 125 **Paços do Concelho da Câmara Municipal do Porto (1956–1957)**
Murais para a Câmara do Porto: identidade nacional,
geopolítica, diplomacia e vida boémia
Paula Ribeiro Lobo
- 137 **Palácio da Justiça (1957–1961)**
História jurídica e construção nacional no Tribunal da Relação
Mariana Escoval dos Santos



Dordio Gomes a pintar no Café Rialto em 1944. Fotografia de Francisco Viana, reproduzida em Manuel Mendes, *Dordio Gomes: Estudo* (Lisboa: Editorial Sul, 1958). Proveniência Biblioteca de Arte, Fundação Calouste Gulbenkian.

MURAIIS PARA A CÂMARA DO PORTO

IDENTIDADE NACIONAL, GEOPOLÍTICA, DIPLOMACIA E VIDA BOÉMIA

PAULA RIBEIRO LOBO

Quando em junho de 1956 lhe foi adjudicada a encomenda de quatro frescos para os “Novos Paços do Concelho” do Porto, Dordio Gomes ficou com um desafio em mãos. Não disporia ali dos “muros suficientemente vastos”¹ convenientes à pintura mural, apenas de quatro espaços verticais, estreitos e distanciados entre si. Para mais, destinavam-se a enquadrar a Escadaria de Honra, zona de circulação cuja monumentalidade exigia escala adequada. Teria ainda de resolver outro problema: como representar D. Afonso Henriques, o Infante D. Henrique, Afonso Martins Alho e Camilo Castelo Branco, as quatro figuras históricas escolhidas como representativas da cidade?

A proposta para as decorações artísticas terá partido de Carlos Ramos, o arquiteto modernista que em 1950 aceitou remodelar e terminar o “novo-velho” edifício — iniciado em 1920 sob projeto, premiado em concurso, do arquiteto municipal António Correia da Silva —, “inglória e delicada tarefa” de “ortopedia” e “cirurgia estética”, dado que a obra se encontrava já desajustada às necessidades dos serviços camarários². Entretanto, Ramos assumira também a direção da ESBAP e Dordio Gomes³ era um consagrado mestre na mesma escola, onde lecionava o único curso livre de pintura a fresco existente no país. A confiança e cumplicidade entre ambos explicará o convite ao pintor⁴.

A investigação realizada para este estudo não permitiu apurar a quem se deveu a seleção das personalidades a retratar. Certo é que já estavam definidas quando o assunto foi apreciado pela Comissão Municipal de Arte e Arqueologia (CMAA), em 8 e 13 de junho de 1956⁵. Uma semana depois, a 19 de junho, o executivo camarário aprovava a proposta e os artistas sugeridos pelo arquiteto para as decorações, e entregava-lhes diretamente os trabalhos. A autarquia abdicava de concurso público para “conseguir resultados harmónicos” entre si e a assegurar “competente execução”; e aceitava os valores pedidos, embora remetendo os pagamentos para o ano seguinte por falta de dotação orçamental⁶.

O contrato entre a Câmara Municipal do Porto (CMP) e Dordio Gomes foi celebrado a 23 de agosto, e o artista receberia pelos quatro frescos 128 contos, isentados do pagamento de contribuição industrial por despacho do Subsecretário de Estado do Orçamento⁷. Ou seja, o equivalente a quase 13 ordenados

- ¹ Manuel Mendes, *Dordio Gomes: Estudo* (Lisboa: Editorial Sul, 1958), 35.
- ² Carlos Ramos fora já chamado para intervir no edifício por duas vezes, assumindo o comando da sua conclusão em 10/8/1950. Carlos Ramos, “Ante-projecto de remodelação do edifício para os Novos Paços do Concelho”, 1950, CD-CMP 25 (586), Arquivo Histórico Municipal do Porto.
- ³ Sobre o percurso e pensamento do artista, ver: Laura Castro e Fátima Machado, eds., *Dordio Gomes: frescos* (Matosinhos: Museu da Quinta de Santiago / Câmara Municipal de Matosinhos, 1997); Laura Castro, *Em viagem com Dordio* (Porto: Casa Tait, 2000); Laura Castro, ed., *Dordio Gomes (1890-1976)* (Porto: Câmara Municipal de Arraiolos / ÁRVORE — Cooperativa de Actividades Artísticas, 2021).
- ⁴ O contrato entre a CMP e Dordio Gomes refere uma carta de 9/5/1956 que talvez esclarecesse a questão, mas que não conseguimos localizar.
- ⁵ s.n., “Acta da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia”, 8 de junho de 1956, A-PUB 15000, Arquivo Histórico Municipal do Porto; s.n., “Parecer nº 13/56, Comissão Municipal de Arte e Arqueologia”, 13 de junho de 1956, f. 138, A-PUB 14711, Arquivo Histórico Municipal do Porto.
- ⁶ Além de Dordio Gomes, foram contratados os pintores Guilherme Camarinha (tapeçarias) e Artur José Gonçalves (frescos), e os escultores Henrique Moreira, José Sousa Caldas, Gustavo Bastos e Maria Alice Costa Pereira. “Acta de Reunião CMP de 19/6/1956”, *Boletim da Câmara Municipal do Porto*, 1956, 547–51, Arquivo Histórico Municipal do Porto (RM 05 Bol. CMP).
- ⁷ Ou seja, 128.000 escudos. s.n., “Cópia da Escritura de contrato da execução dos frescos para a escadaria nobre do edifício dos Novos Paços do Concelho”, 28 de julho de 1956, f. 65–68, D-CMP/15 (651), Arquivo Histórico Municipal do Porto.



FIG. 25 *Portucale, Gérmén da Nacionalidade (ou As Origens)* fresco, 3.80m × 2.20m, Edifício dos Paços do Concelho, Galeria da Escadaria de Honra. Imagem criada por fotogrametria a partir de 379 capturas.



FIG. 26 *Dilatação Geográfica*, fresco, 3.80m × 2.20m, Edifício dos Paços do Concelho, Galeria da Escadaria de Honra. Imagem criada por fotogrametria a partir de 455 capturas.



FIG. 27 *A Boémia do Espírito (ou Porto Romântico)*, evocando Camilo Castelo Branco, fresco, 3.80m x 2.20m, Edifício dos Paços do Concelho, Galeria da Escadaria de Honra. Imagem criada por fotogrametria a partir de 490 capturas.

mensais de um professor catedrático no escalão mais elevado⁸. Talvez por já se encontrar a passar o Verão na sua casa de Arraiolos, Dordio fez-se representar na escritura pelo escultor Sousa Caldas. E foi no Alentejo que encontrou solução para a encomenda, como contou em carta a Manuel Mendes datada de 16 de setembro:

[Estou] satisfeito com o meu trabalho para a Câmara do Porto, que há 8 dias iniciei, e não largo cheio de interesse e de vontade, a ponto de não mais ter saído de casa. (...)

Tenho desenhado muito à pena e a tinta da China nos últimos dias com o estudo dos meus painéis do Porto (...). Tenho um Afonso Martins Alho que me agrada; e ainda um Afonso Henriques e vários Infantes, Navegadores. Outros aparecerão naturalmente com a continuação (...) Julgo ter encontrado já os temas, parecendo-me por conjugar a minha inclinação pessoal ao interesse e gosto da Cidade, e ao mesmo tempo com o local. Dada a exiguidade bastante esguia das dimensões dos painéis (2,10x4,50) dentro das vastas proporções e da monumentalidade da escadaria, convirá, parece-me, focar uma personalidade de pé que preencha grande parte do painel. Doutro modo fugirá à escala e resultará mesquinha.⁹

Na mesma carta ao seu amigo e biógrafo, o artista esclarecia ainda a sequência do conjunto, sublinhando e descrevendo os temas:

1.º painel — *A reconquista* (Af. Henriques). Este painel terá como fundo o Douro serpenteante entre os dois Portucales de que fala [Alexandre] Herculano: Portucale Castrum Antiquum, e Portucale Castrum Novum, origem da nossa Nacionalidade, e donde saiu o próprio nome da Nação.

2.º painel — *A Dilatação da Fé* (Infante Navegador). Fundo de caravelas e monstros marinhos, numa visão toda medieval.

3.º painel — *A expansão comercial* (Afonso Martins, Alho, burguez portuense, negociador diplomático do 1º tratado de comércio, 1353, reinando Afonso IV).

4.º painel — *A Bohemia do Espírito* (Garrett e Camilo). Este permitirá dar uma nota dramática do velho Porto sentimental e romântico, com o recorte da Sé e da massa de casario que parece desmoronar-se. Quase uma visão actual.¹⁰

Os dilemas compositivos terão sido resolvidos em menos de cinco meses, pois a 24 de janeiro de 1957 Dordio já tinha “em adiantado estudo os cartões de quatro painéis para os frescos”¹¹. Porém, a 2 de maio, em entrevista ao *Diário do Norte*, admitia inquietação com o painel do Infante: “ainda está em meio. Ando atrapalhado com a máscara. (...) Não é um Infante, não, na idade em que apareceu nos painéis de Nuno Gonçalves. Quero, antes, um Infante na força da vida, quando descobriu a Madeira e dilatou a geografia! Mas a máscara, numa máscara que comunique o génio, a nobreza, a audácia do portuense mais universal, preocupa-me!”¹². Ao jornalista, o pintor deu também nota dos motivos e títulos, registando-se algumas

⁸ Esses professores seriam aumentados para 10.000 escudos mensais em 1958, pelo “Decreto-Lei nº 42 046”, Ministério das Finanças, *Diário da República*, 1958.

⁹ Simão César Dordio Gomes, “Carta a Manuel Mendes”, 16 de setembro de 1956, Manuel Mendes/MNAC — Museu do Chiado, Fundação Mário Soares.

¹⁰ Gomes, “Carta a Manuel Mendes”.

¹¹ s.n., “Preparativos para a inauguração dos novos Paços do Concelho da cidade do Porto”, *Primeiro de Janeiro*, 24 de janeiro de 1957, Arquivo Histórico Municipal do Porto (D-CMP/15 (21)).

¹² s.n., “Os quatro painéis da escadaria dos novos Paços do Concelho estão a ser executados por Mestre Dordio Gomes”, *Diário do Norte*, 2 de maio de 1957, Arquivo Histórico Municipal do Porto (D-CMP/15 (21)).

alterações: o painel de D. Afonso Henriques intitulava-se “Portucale — gérmen da nacionalidade” e representava o rei “não como um guerreiro mas como fundador”; o do Infante passara a designar-se “Dilatação geográfica ou, se quiser, epopeia marítima”; o de Afonso Martins Alho mantinha-se como “Expansão comercial”; mas sobre o quarto painel, que continuava a referir como “A boémia do espírito”, Dordio já só mencionou Camilo Castelo Branco — porventura, porque a inserção de duas figuras à mesma escala prejudicaria a harmonia compositiva desse fresco e o faria destoar do conjunto, mas também porque, desde 1954, Almeida Garrett tinha estátua em bronze diante dos Paços do Concelho.

A integração dos murais na arquitetura do edifício

Os quatro painéis pintados a fresco por Dordio Gomes localizam-se no topo da Escadaria de Honra que serve o 3.º piso, o Andar Nobre da CMP, onde se encontram o gabinete da Presidência, os Passos Perdidos, a Sala de Receções e a Sala de Sessões para reuniões do executivo e da assembleia municipal. Ou seja, numa zona de circulação e de acesso restrito, mas de grande valor simbólico pois, é a antecâmara de receção da ‘casa’.

Se o granito impera no exterior do edifício, com a sua icónica torre de 70 metros e elementos construtivos inspirados em arquiteturas francesas e flamengas de finais do séc. XIX, no interior Carlos Ramos procurou conciliar o pré-existente, a funcionalidade das propostas modernistas do séc. XX, e acabamentos adequados a cada espaço. Do mobiliário novo à seleção de obras de arte e peças museológicas, tudo foi tratado pelo arquiteto¹³. Na imponente escadaria que se desdobra em dois lances paralelos, Ramos conjugou materiais nobres e luxuosos. O ambiente é dominado pelo mármore negro (Bencatel) que reveste pavimentos, degraus, pilastras, lambris e a maioria das paredes, pontuando-se outras com panos de pedra calcária creme (Brecha Portuguesa). As guardas e corrimãos são de bronze trabalhado, e as portas de sucupira dourada. A carpete encarnada faz o contraste de cor e orienta a distribuição. A iluminação é assegurada por seis janelões laterais e por luzes embutidas nos caixotões que estruturam o teto.

Foi nesta envolvente que Dordio Gomes procurou integrar os seus frescos. Nos estreitos muros que lhe foram reservados, emoldurados a pedra creme e lambril negro, resolveu a equação recorrendo a duas estratégias pictóricas: a paleta cromática — de tons ocres, terrosos, esverdeados e azulados, com apontamentos contrastantes de preto, cinzas, azuis intensos e diferentes tonalidades de vermelho —, e a composição estruturada por diagonais cruzadas que fazem convergir a atenção para os protagonistas.

¹³ Sobre o edifício, ver: Fernando de Sousa e Joaquim Ferreira-Alves, eds., *Os Paços do Concelho do Porto* (Porto: CEPESE, 2012); José Lima de Sousa Pinto, *Monografia dos Paços do Concelho da cidade do Porto* (Porto: Câmara Municipal do Porto, 1990).

D. Afonso Henriques (c. 1109? – 1185) é a figura de acolhimento. No painel *Portucale – Gérmén da nacionalidade*, que surge do topo direito da escadaria, o primeiro rei é representado como homem de ação e identificado em filactera: “Alfonsus/Portugalensium Rex”. Exímio pintor de cavalos, Dordio Gomes imaginou-o como cavaleiro medieval, galopando num corcel que derruba sob os cascos o guerreiro mouro, e colocou ao lado um leão heráldico com a versão antiga das armas portuguesas que remete para a continuidade do reino¹⁴. De olhos no horizonte, o jovem ‘Fundador’ usa coroa, traz no peito a cruz latina e ergue a espada verticalmente pela lâmina, em gesto de oferta à Divina Providência. Atrás da sua figura heroica, algo cinematográfica até, segue o exército e o porta-estandarte com a cruz templária onde se escreveu “PO/R/tu/gal”¹⁵, evocação simbólica da génese cristã do país e do apoio dos cruzados na sua formação. Mais acima, separadas pelo Douro serpenteando entre morros, veem-se duas cidades muralhadas e altaneiras: o Porto, “Portucale Castrum Novum”, e Gaia, “Portucale Castrum Antiquum”¹⁶, onde uma estátua da loba capitulina amamenta Rómulo e Remo, assim se relevando também, simbolicamente, o vínculo de Portugal à matriz civilizacional de Roma.

A *Dilatação Geográfica* encontra-se no topo oposto da escadaria, representando o Infante D. Henrique (1394–1460) “diante desse Mar Novo cujo mistério desvendou”¹⁷. A ilustrar o velho pavor do desconhecido, dois monstros marinhos atacam uma caravela. Mais duas avançam já. Solitário, de rosto esfíngico e chapelão negro, como iconograficamente se consagrou, o príncipe ‘Navegador’ volta a cabeça para o oceano. A figura hierática contrasta com as pinceladas circulares das ondas revoltas. Numa Europa mergulhada em guerras e sequelas do Grande Cisma, Portugal fizera da expansão ultramarina doutrina geoestratégica e ideológica¹⁸, pelo que o Infante ergue numa mão o orbe rematado com cruz, símbolo de autoridade cristã no mundo. Na outra segura uma carta náutica, evocativa do seu patrocínio à investigação em astronomia, cartografia e tecnologias náuticas¹⁹, e onde anacronicamente se desenham os contornos de África e do Brasil. Sobre o chão do promontório, dois versos de *A Mensagem*, de Fernando Pessoa, sugerem leitura messiânica²⁰ aberta a distintas interpretações e projetam o tema no século XX.

Os dois frescos remanescentes, danificados por infiltrações de água, têm localização menos privilegiada nas galerias laterais da escadaria. Na da esquerda está o painel mais deteriorado. Já mal se vê aí a figura de Afonso Martins Alho, o mercador-diplomata portuense que foi a Inglaterra negociar com Eduardo III o primeiro tratado comercial anglo-português, numa época de pirataria, corso e superioridade franco-castelhana. Firmado a 20 de outubro de 1353, esse acordo por 50 anos garantia segurança e livre trânsito de pessoas e mercadorias entre os dois países²¹, e em condições tão vantajosas para Portugal que deu origem à expressão “fino como o Alho”. Pouco mais se sabe deste comerciante astuto, que foi também procurador do

¹⁴ Esta versão das cinco quinas, ainda sem castelos, foi usada por D. Sancho I, D. Afonso II e D. Sancho III.

¹⁵ Em representação semelhante ao sinal de validação usado por D. Afonso Henriques entre 1129 e 1132. Ver José Mattoso, *História de Portugal, II-A Monarquia Feudal* (Lisboa: Estampa, 1993), 13.

¹⁶ Segundo descrição atribuível a Dordio Gomes: s.n., “Painéis a fresco da escadaria nobre [memória descritiva]”, 1957, f. 142, D-CMP/15 (651), Arquivo Histórico Municipal do Porto. Sobre este assunto e a presença romana no Porto, ver: António M. S. Silva, “Cale e os Callaeci. Territórios e comunidades na foz do rio Douro entre a Proto-história e a Romanidade” (Tese de Doutoramento em Estudos Culturais, Universidade de Santiago de Compostela, 2022).

¹⁷ s.n., “Painéis a fresco da escadaria nobre [memória descritiva]”.

¹⁸ João Paulo Oliveira e Costa et al., *História da Expansão e do Império Portugueses* (Lisboa: Esfera dos Livros, 2014), 23.

¹⁹ Oliveira e Costa et al., *História da Expansão e do Império Portugueses*, 46–61.

²⁰ Sobre este assunto, ver José Augusto Seabra, *Mensagem: Poemas Esotéricos (edição crítica)* (Madrid: ALLCA XX, 1996).

²¹ Tiago Viúla de Faria e Flávio Miranda, “‘Pur bone alliance et amiste faire’. Diplomacia e comércio entre Portugal e Inglaterra no final da Idade Média”, *Cultura, Espaço & Memória*, n.º 1 (2010): 109–27.

Concelho e vereador, e que deu 100 libras para o empréstimo que a cidade fez ao Infante D. Pedro²². Dórdio imaginou-o determinado, a apresentar o tratado em pose teatral, num cenário que combina elementos classicizantes com vistas ribeirinhas de Londres e do Porto.

O escritor Camilo Castelo Branco (1825–1890) é o senhor do painel fronteiro. Figura magra e decidida, de cartola e passo largo, leva numa mão a pena e na outra um livro e as lunetas. A vida noturna do seu tempo cabe nesta síntese dinâmica. Em conjugação de perspetivas impossíveis, mas reconhecíveis, vê-se ao fundo a Sé e o Paço Episcopal, a Igreja dos Grilos, o casario acachado até à Praça Nova, “pasmatório” da cidade²³. À direita, o interior do Teatro São João em noite de ópera²⁴, com público de casaca e vestidos de crinolina. À esquerda, o afamado Café Guichard, “germinal extravasante de literatos, amorosos, janotas e também de psicologias estranhas”²⁵. Encerrado em 1857, era o botequim diariamente frequentado por Camilo, o “vespeiro”, como lhe chamava²⁶, fervedouro de escândalos, querelas políticas e conspirações revolucionárias, de onde tanto saíam versos como rixas de bengalada. Assim representou Dórdio *O Porto Romântico*, ou *A Boémia do Espírito*, no mais conseguido dos frescos que concebeu para a CMP.

A 24 de junho de 1957, num dia de São João e exatamente 37 anos após ter sido colocada a primeira pedra, inauguravam-se os Novos Paços do Concelho, benzidos pelo bispo D. António Ferreira Gomes. A cidade engalanara-se para os festejos e para receber os ministros das Obras Públicas e do Interior²⁷. Alegando doença, o ditador Oliveira Salazar ficou em Lisboa. Dos discursos oficiais e dos muitos ilustres ali presentes deu ampla cobertura a imprensa²⁸, elogiando a conclusão desta *domus municipalis*, que, contas feitas, custou 55 mil contos. José Albino Machado Vaz, o presidente da autarquia, agradeceu ao Estado Novo e a todos quantos trabalharam na empreitada, dos pedreiros aos artistas decoradores. O ministro do Interior louvou a tradição municipalista do Porto e os seus contributos para o “destino imortal de Portugal”²⁹. Quanto ao programa, incluiu visita ao edifício e à exposição sobre as obras em curso na cidade, banquete e receção para 900 convidados³⁰, além de desfiles na Avenida dos Aliados, largada de pombas e balões, e, claro, fogo de artifício.

A primeira reunião camarária fez-se logo no dia seguinte na nova casa, restituindo-se ao bispo o solar episcopal onde até então funcionara o executivo. Significativamente, das muitas fotografias publicadas pelos jornais nesses dias, apenas uma mostrava um painel³¹ — o do Infante —, o que ilustra a dificuldade de captar o conjunto. Desde então, nessa escadaria se acolheram chefes de Estado e de governo, o Papa Bento XVI, embaixadores, altos dignitários de organismos internacionais e a abertura da presidência portuguesa da União Europeia em 2007³², a par de inúmeros convidados para as mais diversas cerimónias.

Esteticamente, estes murais ficam aquém de outros pintados por Dórdio Gomes. Ainda que a hiperbólica imprensa da

²² Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, “Uma família do Porto medieval: ‘Alhos’”, *O Tripeiro* 7.ª Série, Ano XVI (agosto de 1997): 249.

²³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova* (Porto: Renascença Portuguesa, 1916).

²⁴ s.n., “Os artistas plásticos e o novo edifício dos Paços do Concelho”, *Diário de Notícias*, 25 de junho de 1957, Arquivo Histórico Municipal do Porto (D-CMP/15 (21)).

²⁵ Cláudio Corrêa d’Oliveira Guimarães, “Evocando dois ‘cafés’ portuenses”, *O Tripeiro* 5.ª Série, Ano XIII, n.º 7 (1952): 205–6.

²⁶ Guimarães, “Evocando dois ‘cafés’ portuenses”. Além de Camilo, entre os frequentadores assíduos incluíam-se os escritores Ramalho Ortigão, Júlio Dinis e Arnaldo Gama, o poeta e arqueólogo Sousa Viterbo, o filósofo e matemático Amorim Viana, e os políticos Francisco Xavier de Moraes e José da Silva Passos. Sobre o ambiente do Guichard e a sua importância no século XIX, ver Nuno Fernando Ferreira Mendes, “Cafés históricos do Porto, na demanda de um património ignoto” (Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012).

²⁷ Respetivamente, Eduardo de Arantes e Oliveira, e Joaquim Trigo de Negreiros.

²⁸ “Recortes de Notícias: Junho de 1956 a Junho de 1957”, Câmara Municipal do Porto, 1957, D-CMP/15 (21), Arquivo Histórico Municipal do Porto.

²⁹ s.n., “Foi inaugurado no Porto o novo edifício dos Paços do Concelho”, *Diário da Manhã*, 26 de junho de 1957, Arquivo Histórico Municipal do Porto (D-CMP/15 (21)).

³⁰ s.n., “As solenidades inaugurais do novo edifício dos Paços do Concelho”, *Comércio do Porto*, 25 de junho de 1957, Arquivo Histórico Municipal do Porto (D-CMP/15 (21)).

³¹ s.n., “As solenidades inaugurais do novo edifício dos Paços do Concelho”.

³² Sousa e Ferreira-Alves, *Os Paços do Concelho do Porto*.

época os qualificasse como “magníficos”³³, a verdade é que até o seu amigo e historiador de arte Flório Vasconcelos reconhecia: “não os consideramos dos melhores frescos do Mestre – encolhidos num espaço soturno, em que nada é acolhedor, grandioso e bem proporcionado, naquela infeliz escadaria, péssima moldura para a evocação de um passado glorioso”³⁴. Dordio, o modernista fascinado pelos mestres muralistas do *Quattrocento* italiano, parece ter tido aqui algumas hesitações formais que não se prenderam somente com a “máscara” de D. Henrique. É até algo paradoxal que tenha decidido assinar e datar na CMP apenas os painéis do Infante e de Camilo, respetivamente, o menos conseguido e o melhor deste conjunto.

Integrados num espaço simbólico de poder e, como vimos, simbolicamente alinhados com valores da identidade nacional e a noção de continuidade histórica, estes trabalhos não só exaltavam o contributo dos portuenses na origem e devir da nação como correspondiam plenamente ao programa nacionalista do Estado Novo. Em setembro de 1957, também por sugestão de Carlos Ramos, o regime encomendava ao fresquista dois monumentais painéis para o novo Palácio da Justiça do Porto. E neles pôde então Dordio Gomes, apurando certas figuras com evidentes paralelismos formais³⁵, dispor finalmente dos grandes muros para a sua equação da pintura mural em edifícios públicos.

Bibliografia

- Boletim da Câmara Municipal do Porto*. “Acta de Reunião CMP de 19/6/1956”. 1956. Arquivo Histórico Municipal do Porto (RM 05 Bol. CMP).
- Castro, Laura, ed. *Dordio Gomes (1890-1976)*. Porto: Câmara Municipal de Arraiolos / ÁRVORE — Cooperativa de Actividades Artísticas, 2021.
- . *Em viagem com Dordio*. Porto: Casa Tait, 2000.
- Castro, Laura, e Fátima Machado, eds. *Dordio Gomes: frescos*. Matosinhos: Museu da Quinta de Santiago / Câmara Municipal de Matosinhos, 1997.
- “Decreto-Lei nº 42 046”. Ministério das Finanças, *Diário da República*, 1958.
- Faria, Tiago Viúla de, e Flávio Miranda. “‘Pur bone alliance et amiste faire’. Diplomacia e comércio entre Portugal e Inglaterra no final da Idade Média”. *Cultura, Espaço & Memória*, n.º 1 (2010): 109–27.
- Freitas, Eugénio de Andrea da Cunha e. “Uma família do Porto medieval: ‘Alhos’”. *O Tripeiro* 7.ª Série, Ano XVI (agosto de 1997): 249.
- Gomes, Simão César Dordio. “Carta a Manuel Mendes”. 16 de setembro de 1956. Manuel Mendes/MNAC — Museu do Chiado. Fundação Mário Soares. <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04540.003.019>.

³³ s.n., “Os artistas plásticos e o novo edifício dos Paços do Concelho”.

³⁴ Flório Vasconcelos, “Mestre Dordio fresquista”, em *Dordio Gomes: frescos*, ed. Laura Castro e Fátima Machado (Matosinhos: Museu da Quinta de Santiago / Câmara Municipal de Matosinhos, 1997), s.p.

³⁵ Repare-se nas semelhanças entre os cavaleiros e leão heráldico do painel de D. Afonso Henriques e o que Dordio pintará no mural das Cortes de Coimbra (1385); bem como entre o cenário e vestuário de Afonso Martins Alho e o mural das Cortes de Leiria (1254).

- Guimarães, Cláudio Corrêa d'Oliveira. "Evocando dois 'cafés' portuenses". *O Tripeiro* 5a Série, Ano XIII, n.º 7 (1952): 205–6.
- Mattoso, José. *História de Portugal*. II-A Monarquia Feudal. Lisboa: Estampa, 1993.
- Mendes, Manuel. *Dordio Gomes: Estudo*. Lisboa: Editorial Sul, 1958.
- Mendes, Nuno Fernando Ferreira. "Cafés históricos do Porto, na demanda de um património ignoto". Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012.
- Oliveira e Costa, João Paulo, José Damião Rodrigues, e Pedro Aires Oliveira. *História da Expansão e do Império Português*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2014.
- Pimentel, Alberto. *A Praça Nova*. Porto: Renascença Portuguesa, 1916.
- Pinto, José Lima de Sousa. *Monografia dos Paços do Concelho da cidade do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1990.
- Ramos, Carlos. "Ante-projecto de remodelação do edifício para os Novos Paços do Concelho". 1950. CD-CMP 25 (586). Arquivo Histórico Municipal do Porto.
- "Recortes de Notícias: Junho de 1956 a Junho de 1957". Câmara Municipal do Porto, 1957. D-CMP/15 (21). Arquivo Histórico Municipal do Porto.
- Seabra, José Augusto. *Mensagem: Poemas Esotéricos (edição crítica)*. Madrid: ALLCA XX, 1996.
- Silva, António M. S. "Cale e os Callaeci. Territórios e comunidades na foz do rio Douro entre a Proto-história e a Romanidade". Tese de Doutoramento em Estudos Culturais, Universidade de Santiago de Compostela, 2022. <http://hdl.handle.net/10347/28874>.
- s.n. "Acta da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia". 8 de junho de 1956. A-PUB 15000. Arquivo Histórico Municipal do Porto.
- . "As solenidades inaugurais do novo edifício dos Paços do Concelho". *Comércio do Porto* (Porto), 25 de junho de 1957. Arquivo Histórico Municipal do Porto (D-CMP/15 (21)).
- . "Cópia da Escritura de contrato da execução dos frescos para a escadaria nobre do edifício dos Novos Paços do Concelho". 28 de julho de 1956. D-CMP/15 (651). Arquivo Histórico Municipal do Porto.
- . "Foi inaugurado no Porto o novo edifício dos Paços do Concelho". *Diário da Manhã* (Lisboa), 26 de junho de 1957. Arquivo Histórico Municipal do Porto (D-CMP/15 (21)).
- . "Os artistas plásticos e o novo edifício dos Paços do Concelho". *Diário de Notícias* (Lisboa), 25 de junho de 1957. Arquivo Histórico Municipal do Porto (D-CMP/15 (21)).
- . "Os quatro painéis da escadaria dos novos Paços do Concelho estão a ser executados por Mestre Dordio Gomes". *Diário do Norte* (Porto), 2 de maio de 1957. Arquivo Histórico Municipal do Porto (D-CMP/15 (21)).
- . "Painéis a fresco da escadaria nobre [memória descritiva]". 1957. D-CMP/15 (651). Arquivo Histórico Municipal do Porto.

- . “Parecer nº 13/56, Comissão Municipal de Arte e Arqueologia”. 13 de junho de 1956. A-PUB 14711. Arquivo Histórico Municipal do Porto.
- . “Preparativos para a inauguração dos novos Paços do Concelho da cidade do Porto”. *Primeiro de Janeiro* (Porto), 24 de janeiro de 1957. Arquivo Histórico Municipal do Porto (D-CMP/15 (21)).
- Sousa, Fernando de, e Joaquim Ferreira-Alves, eds. *Os Paços do Concelho do Porto*. Porto: CEPES, 2012.
- Vasconcelos, Flório. “Mestre Dordio fresquista”. Em *Dordio Gomes: frescos*, editado por Laura Castro e Fátima Machado, s.p. Matosinhos: Museu da Quinta de Santiago / Câmara Municipal de Matosinhos, 1997.